

METAFÍSICA E EPISTEMOLOGIA EM IMMANUEL KANT E SUA RELAÇÃO COM A CIÊNCIA DA RELIGIÃO DE FRIEDRICH MAX MÜLLER*

METAPHYSICS AND EPISTEMOLOGY IN IMMANUEL KANT AND THEIR RELATION TO FRIEDRICH MAX MÜLLER'S SCIENCE OF RELIGION

Angelo José Salvador**

RESUMO

Esta comunicação problematiza a relação entre a ciência da religião mülleriana e a epistemologia kantiana. Considerando esse contexto, é problemático pensar a nova ciência sem levar em conta esse processo dialético. A questão a ser analisada é: qual é a relação entre a ciência da religião proposta por Müller e a epistemologia de Kant, desenvolvida a partir de sua crítica à metafísica? A hipótese a ser defendida na investigação aqui proposta é a de que Max Müller se apropria criativamente da epistemologia kantiana para estabelecer os contornos de sua concepção de ciência da religião.

PALAVRAS-CHAVE: metafísica; epistemologia; ciência; religião.

ABSTRACT

This paper problematizes the relationship between Müller's Science of Religion and Kantian epistemology. Within this context, it is problematic to consider the new Science without taking into account this dialectical process. The central question to be analyzed is: what is the relationship between the Science of Religion proposed by Müller and Kant's epistemology, developed from his critique of metaphysics? The hypothesis is to be defended in the present investigation is that Max Müller creatively appropriates Kantian epistemology in order to establish the contours of his conception of the Science of Religion.

KEYWORDS: metaphysics; epistemology; science; religion.

INTRODUÇÃO

A institucionalização da Ciência da Religião é fruto de um processo histórico complexo, lento e gradual. Trata-se da racionalização moderna cada vez mais intensa e que atinge o vivido religioso. Nesse contexto, é indiscutível a contribuição de Friedrich Max Müller para consolidar a nova Ciência enquanto disciplina acadêmico-científica em universidades europeias e, posteriormente, em outros países. Müller nasceu em 6 de dezembro de 1823, em Dessau, Alemanha. Ele foi influenciado por inúmeros fatores, dentre eles, o

* Comunicação recebida em 13/11/2025 e aprovado para publicação em 10/12/2025.

** Doutorando em Ciências da Religião pelo PPGCR da PUC Minas. Mestre em Filosofia pela FAJE. Professor do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: angelosalvador@pucminas.br.

estudo comparado da linguagem – ciência da linguagem –, seu conhecimento sobre filologia e, não menos importante, a epistemologia kantiana.

Em relação a essa última, esta comunicação enfatiza a influência da epistemologia kantiana no pensamento de Müller. Kant influenciou profundamente a filosofia de seu tempo e, além dele, a filosofia do séc. XIX e XX, especialmente no campo da teoria do conhecimento. Além disso, seu impacto é patente no desenvolvimento da Ciência da Religião de Max Müller. Entretanto, apesar de aceitar certos pressupostos kantianos, Müller não assume sua filosofia *ipsis litteris*, pois o faz criticamente, reinterpretando-a.

1 A CIÊNCIA DA RELIGIÃO EM MAX MÜLLER E SUA RELAÇÃO COM A EPISTEMOLOGIA KANTIANA

Ao investigar a relação entre Kant e Müller, pretende-se elucidar o modo como ele desenvolve a nova Ciência ao realizar uma releitura do filósofo prussiano. Esse aspecto é fundamental, pois Müller argumentará até o fim da vida que nunca extrapolou os limites de uma experiência possível, pois manteve-se fiel ao pensamento kantiano, especialmente à sua crítica à Metafísica em um contexto epistemológico. Todavia, essa “obediência” na epistemologia tem uma maneira criativa para fundamentar pontos de vista não presentes em Kant, porém fundamentais para estabelecer as bases da Ciência da Religião.

Com isso propõe-se a hipótese de que Max Müller não elabora seu modelo teórico de Ciência da Religião a partir de um grau zero. Ao contrário, recorre à epistemologia kantiana como referência fundamental para conferir legitimidade à constituição dessa Ciência. Para tal, será investigado o modo como Max Müller se apropria da epistemologia kantiana para sinalizar que a nova Ciência está ancorada nos limites de uma experiência possível.

O problema fundamental elencado é a relação entre Ciência da Religião mülleriana e a crítica kantiana à Metafísica no estabelecimento de sua epistemologia. É crucial abordar a influência de Kant sem considerar estes dois aspectos de sua filosofia: sua crítica à Metafísica ao mesmo, o estabelecimento dos limites para o conhecimento. Considerando esse contexto, é problemático pensar a nova Ciência sem considerar essa relação. Problemático porque ao não considerar tal relação, negligencia-se conexão entre a epistemologia kantiana e a Ciência da Religião de Max Müller. Esclarecer a origem de uma ciência é fundamental para a compreensão de sua natureza, seus objetivos e limites. Em linhas gerais, uma ciência surge dentro de um contexto histórico, filosófico e social específico, e esse contexto influencia suas

perguntas, métodos e paradigmas. Ao investigar sua origem, entendem-se quais problemas motivaram seu desenvolvimento e como suas premissas foram estabelecidas. A expressão “processo dialético” significa que Müller não apenas absorve passivamente as teses da filosofia de Immanuel Kant, mas o faz de forma criativa propondo antíteses e sínteses, adaptando, dessa forma, criticamente as consequências da crítica à Metafísica kantiana.

A hipótese a ser defendida na investigação aqui proposta é a de que Max Müller se apropria da epistemologia kantiana e de sua crítica à Metafísica para estabelecer os contornos de sua concepção de Ciência da Religião. Para tal fim, Max Müller aceita, critica e reformula o pensamento epistemológico de Kant. Interessa evidenciar tal perspectiva para compreender adequadamente o próprio pensamento mülleriano acerca da Ciência da Religião.

Para autores contemporâneos, como Wartenberg, Kant pretende oferecer uma base Metafísica para a filosofia de Newton, mas não apenas isso. Kant confere papel importantíssimo à experiência e, por isso, se aproxima da compreensão contemporânea de ciência (Guyer, 2009, p. 276). Todavia, sem pretender aprofundar as consequências ou aproximações das teses kantianas à compreensão epistemológica contemporânea, nos reservaremos ao trabalho de aproximação de algumas teses kantianas, especialmente sua epistemologia e metafísica, às de Max Müller.

Kant põe em relevo o sujeito transcendental como elemento central para compreender o processo de conhecimento. Ao invés de apenas receber passivamente as impressões advindas da sensibilidade, o sujeito transcendental interfere ativamente no processo de conhecimento. Max Müller, concorda, em muitos pontos, com essas teses principalmente em sua obra, *Origin and growth of religion as illustrated by the religions of India*:

Admito plenamente que há muita verdade nestas declarações apaixonadas, mas devemos procurar o fundamento mais profundo dessa verdade, caso contrário seremos acusados de usar afirmações poéticas ou místicas, onde apenas o argumento lógico mais cuidadoso pode ser usado. Muito bem, ao postular, ou melhor, ao tocar no ponto onde ocorre o contato real com o infinito, não ignoro nem infrinjo qualquer uma das regras rigorosas da Kritik der reinen Vernunft de Kant. **Estou seguro de que não há nada mais perfeito do que a análise do conhecimento humano de Kant.** Os objetos sensíveis não podem ser conhecidos exceto como nos aparecem, nunca tais como são em si mesmos; os objetos suprasensíveis não são para nós objetos de conhecimento teórico (Müller, 1879, p. 44, tradução e grifo nossos).

Não obstante, ele argumenta que há no homem um *a priori* religioso que estabelece as condições de possibilidade para a existência da religião; é uma categoria chamada por Müller de percepção do infinito. Todavia, Müller insiste que se mantém no plano da imanência –

dentro dos limites estabelecidos na *Crítica da razão pura* (Kant, 2015) – e que essa forma de conhecer é um *a priori* no homem, fundamental para estabelecer a religião em sua historicidade e, ao mesmo tempo, reconhecê-la aprioristicamente no próprio homem, ou seja, Müller segue de perto a proposta kantiana de crítica a qualquer conhecimento que extrapola os limites de uma experiência possível, e reafirma isso em seus escritos. A ideia do infinito não está além dessas condições estabelecidas na *Crítica da razão pura*, mas no próprio homem. Ou seja, Müller parte de um fenômeno possível de ser conhecido, pois se mantém nas categorias epistêmicas kantianas.

Müller apresenta suas crenças pessoais e seu esforço em conciliar tantas influências típicas de sua época. Ele viveu em meio a uma enxurrada de tendências do pensamento que o arrastaram em direções muitas vezes antagônicas. Nesse sentido, afirma Strenski (2020, p. 251):

Romantismo, liberalismo teológico protestante e hiperortodoxia, nacionalismo alemão, a descoberta europeia das línguas e literaturas da Índia, do imperialismo e do colonialismo britânico e da Europa ocidental, e o industrialismo em ascensão nomeiam apenas algumas das forças culturais mais salientes em torno de Max Müller. Em adição a essas forças externas, Müller não pode ser compreendido sem levar a sério sua própria piedade sincera e mística.

Além disso, não se pode desconsiderar que o séc. XIX ainda privilegia o cristianismo como única religião depositária da verdade, pois as outras expressões de crença não passam de idolatria ou o retrato de um passado primitivo de uma humanidade que ainda não provou das fontes da verdadeira religião. Nesse aspecto, com o intuito de aprofundar os fundamentos da Ciência da Religião em Max Müller e sua relação com a filosofia de Immanuel Kant, é fundamental explorar a compreensão de Müller sobre a religião. Essa abordagem é crucial, uma vez que esclarece os métodos empregados na formação dessa nova Ciência. Além do mais, ao aprofundar a concepção de religião em Müller, explica-se como ele adota, critica e reformula criativamente o pensamento kantiano para atender aos seus próprios propósitos e erigir a Ciência da Religião e propor uma epistemologia aberta.

A religião, para Müller, é um constituinte da própria estrutura cognoscente humana e por isso mesmo pode e deve ser pesquisada por meio de um método científico rigoroso. Essa maneira de compreender o fenômeno religioso, como já foi apontada, é, em grande medida, fruto da relação de Müller com a filosofia, especialmente a kantiana a qual marcou em grande medida a discussão sobre o conhecimento e a Metafísica no séc. XIX; Kant (2015), em sua *Crítica da razão pura*, estabelece sobre o que pode ser conhecido dentro dos limites de uma experiência possível e os limites impostos à Metafísica, pois esta pretende conhecer o que está

para além das possibilidades do sujeito cognoscente. Nesse aspecto, Müller abre dois caminhos: a investigação das manifestações históricas da religião, ritos, escritos, celebrações e, em outra linha de investigação, as condições de possibilidade que permitem ao homem apreender a religião por meio de uma investigação antropológica (Kant, 1922, p. xxxiv). A religião, nesses termos, é um fenômeno histórico-antropológico, e por isso está nos limites de uma experiência possível.

Para Max Müller (1893, p. 15-16), de fato Kant provou que o conhecimento só é possível por meio das intuições sensíveis, para depois ser pensado pelas categorias do entendimento. Segundo Müller, a crítica de Kant à Metafísica apontou a precariedade da própria linguagem, uma vez que encobriu o sentido original da religião a qual está encoberta pela ferrugem das sucessivas reinterpretações daquilo que Müller denomina *religião primitiva* (Müller, 1893, p. 50-51).

Kant, segundo Max Müller, descobriu a mitologia presente no próprio pensamento filosófico. Essa mitologia é na verdade uma linguagem precária que interfere na capacidade da real compreensão acerca da realidade. Müller argumenta, por meio de uma crítica da linguagem, que a razão humana extrapolou seus limites em sua pretensão de conhecer o incognoscível. Ao remover essas camadas impostas pela mitologia, Kant, por meio de sua crítica epistemológica, abre espaço para o conhecimento verdadeiro, que será continuado por Müller por meio de um apurado estudo da linguagem. Em síntese, a crítica à Metafísica possibilitou a crítica da linguagem (Kant, 1922, translator's preface, XLVII-XLVIII).

Todavia, nessa viragem epistemológica, Müller insiste na “ideia do infinito”, conforme verificado anteriormente. Segundo ele, em cada percepção finita há concomitantemente, uma percepção do infinito. Müller utiliza até em suas últimas obras o conceito de infinito, e ao mesmo tempo reafirma sua “obediência” às premissas epistêmicas kantianas, ao estabelecer a ideia de infinito enquanto uma categoria apriorística do homem. Em última análise, ele não descarta a ideia, mas a adapta conforme as críticas de Kant.

Max Müller busca em Kant elementos para a fundamentação da Ciência da Religião. A tradução da *Crítica da razão pura* para a língua inglesa e seu extenso prefácio já é um indício de sua afeição pelo pensamento kantiano (Kitagawa, 1985, p. 192). Em muitas passagens de seus escritos, são inúmeras as referências ao pensador de Königsberg. Algumas mais explícitas e outras menos, mas que muito se assemelham aos elementos centrais do pensamento kantiano, como se verifica na citação seguinte:

Fomos informados que todo conhecimento, para ser considerado como tal, deve atravessar dois caminhos e apenas dois: o caminho dos sentidos e o da razão. O conhecimento religioso, seja ele verdadeiro ou falso, também deve passar por esses dois caminhos. É neles que nos posicionamos. Qualquer coisa que afirme ter ingressado por outro caminho, seja ele chamado de revelação primordial ou instinto religioso, deve ser rejeitada como um desvio de pensamento. Da mesma forma, qualquer coisa que alegue ter atravessado o caminho da razão sem antes passar pelo caminho dos sentidos deve ser igualmente rejeitada, por falta de garantia suficiente. Nesse caso, é necessário que retorne ao primeiro caminho para apresentar suas credenciais completas (Müller, 1889, p. 194, tradução nossa).

Assim como Kant sustenta que as categorias são *a priori* no sujeito transcendental, Müller também adota essa abordagem em sua análise científica da religião. Portanto, do mesmo modo que as categorias são condições *a priori* universais, e nesse sentido é possível um conhecimento universalmente válido como na matemática (Salvador, 2019)¹, o mesmo se dá com a religião. A faculdade de fé é *a priori*, logo é possível estabelecer um estudo universal e necessário das religiões, pois o ponto de partida são os fenômenos e também o próprio homem, o qual é dotado de uma condição prévia que possibilita a própria religião. Em síntese, a Ciência da Religião não promove apenas o conhecimento da religião em sua manifestação histórica, mas também aprofunda a compreensão acerca da natureza humana a qual deve ser escavada a fim de se encontrarem nela as raízes mais profundas da religião (Müller, 1867, p. xxvi-xxxi).

CONCLUSÃO

Em conclusão, se sustenta que Max Müller acolhe, critica e reformula alguns aspectos da filosofia kantiana, nesse caso a epistemologia e sua crítica à metafísica, e que não há uma ruptura entre filosofia e Ciência da Religião; é no movimento dialético entre filosofia e as novas tendências e descobertas do séc. XIX – principalmente a ciência da linguagem – que viabilizam o surgimento da nova Ciência. Essa aproximação é fundamental para explicar e compreender a Ciência da Religião, elucidar seus fundamentos e abrir caminho para uma abordagem mais profunda acerca dos primórdios da nova Ciência.

REFERÊNCIAS

GUYER Paul (org.). **Kant**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

¹ Salvador (2019, p. 33).

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

KANT, Immanuel. **Critique of pure reason**. Tradução de Friederich Max Müller. 2. ed. New York: Macmillanandco. Ltd. 1922.

KITAGAWA, Joseph M.; STRONG, John S. Friedrich Max Müller and the comparative study of religion. In: KITAGAWA, Joseph M. (org.). **Nineteenth century religious thought in the West**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MÜLLER, Frederich Max. **Chips from a german workshop**. London: Longmans, Green, and Co., 1867, v.1.

MÜLLER, Frederich Max. **Introduction to the science of religion**. London: Longmans, Green and Co., 1893.

MÜLLER, Frederich Max. **Lectures on the origin and growth of religion as illustrated by the religions of India**. New York: Charles Scribner's Sons, 1879.

MÜLLER, Frederich Max. **Natural religion**. London: Longmans, Green, and Co., 1889.

STRENSKI, Ivan. Max Müller. A ciência da religião comparada e a busca por outras “bíblias” na Índia. **Rever**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 251-267, set./dez. 2020.